

**AFRICANIDADE, MUSICALIZAÇÃO E INCLUSÃO:
A AFROCENTRICIDADE COMO ESTRATÉGIA
ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO CIDADÃ DE CRIANÇAS
COM TEA**

Luana da Silva Guedes¹
Débora Alfaia da Cunha²

RESUMO

Esta pesquisa visa propor estratégias metodológicas de musicalização afrocentradas para a educação para as relações étnico-raciais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Realizada a partir de pesquisa bibliográfica de autores como Maria Conceição Reis, Débora Alfaia da Cunha e Antônio Lisboa da Silva, entre outros, pesquisas de campo envolvendo entrevistas com agentes da educação inclusiva do município de Castanhal-PA e experiência profissional na rede municipal de educação, o artigo traz dados recentes sobre como as questões raciais vem sendo tratadas na educação de crianças autistas, e a partir da Lei 10.639/03, levanta tanto problemáticas encontradas na educação inclusiva infantil quanto possíveis métodos pensados para uma educação antirracista. Os métodos propostos foram desenvolvidos com alunos de 4 anos de uma creche municipal e envolvem brincadeiras musicalizadas, cantigas tradicionais africanas e afro-brasileiras, manuseio e confecção de instrumentos de percussão e vivências coletivas na musicalização, e podem auxiliar na redução de crises sensoriais relacionadas a sons e também combinam o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e social, melhorando aspectos da socialização nas crianças a partir de uma epistemologia originada dos valores afro-civilizatórios. Sendo assim, o artigo visa elaborar estratégias para uma educação que, para além de inclusiva, é também cidadã, fazendo compreender a complexidade do indivíduo com TEA e a importância de desenvolver os demais aspectos da cidadania da pessoa PCD na educação formal.

Palavras-chave: Ludicidade, TEA, Educação para Relações Étnico-Raciais, Musicalização, Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

O texto apresenta um relato de experiência, com atividades realizadas em 2023, durante um estágio não obrigatório na educação infantil em uma creche municipal do nordeste do estado do Pará. O estágio teve duração de 8 meses e dentre as atribuições constava a elaboração e ministração de aulas de três projetos pedagógicos que englobavam os temas: corpo, movimento, cidadania, educação ambiental e linguagem das artes. A faixa etária das turmas era entre 3 e 5 anos e entre esses alunos estavam dois alunos que realizavam acompanhamento para transtorno do espectro autista (TEA) e outros dois sob investigação de diagnóstico. Estes primeiros apresentavam graves crises sensoriais em todas as vezes que se tentava utilizar qualquer tipo de som dentro da sala de aula ou até mesmo quando as conversas atingiam volumes maiores, chegando, essa alunos, a se automutilar com o propósito de sair daquele ambiente.

Nesse cenário, surgiu então o desafio pedagógico de realizar a musicalização das turmas conforme o que se exige no currículo do projeto sobre linguagem das artes sem desencadear crises nos alunos com TEA.

Outro desafio foi aliar a essas experiências com musicalização a questão do combate ao racismo. O tema é relevante, pois segundo a Avaliação da Qualidade da Educação Infantil, pós BNCC, das creches e pré-escolas brasileiras “Em 89,8% das turmas visitadas não foram observadas oportunidades de aprendizagens que abordem aspectos relacionados à educação étnico-racial”. Ao observar a aplicação da Lei 10.639/03 e 11.645/08 nota-se que há também dificuldades na adaptação de material para o grupo de alunos com TEA, sendo, por fim, uma parte negligenciada do currículo.

Enfrentando esse duplo desafio, utilizou-se o trabalho de Cunha (2011; 2024) para introduzir brincadeiras afrobrasileiras com o apoio de cantigas e instrumentos para que os sons emitidos fossem associados ao brincar e a momentos de felicidade. As brincadeiras musicalizadas aliadas a outras terapias foram importantes ferramentas tanto para a redução das crises sensoriais quanto para a melhora das relações sociais e integração social, assim como na promoção do ensino de cultura africana, afrobrasileira e indígena.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, lummusk27@gmail.com;

² Doutora em Educação pela Universidade de Brasília, professora da Faculdade de Educação - UFPA, dalfaia@ufpa.br

METODOLOGIA

Como dito, o estágio se deu no período de abril a novembro de 2023, em uma creche pública de uma cidade do nordeste do estado do Pará, e consistia no planejamento e ministração de três projetos pedagógicos do currículo municipal para três turmas de alunos com idades entre 3 e 5 anos, dentre os quais havia dois diagnosticados com TEA e dois sob investigação multiprofissional para a mesma condição. Esses 4 sujeitos são o foco do presente relato, tendo suas respostas ao processo de musicalização avaliadas pela mediadora desses alunos e pela coordenadora do estágio na escola. Essas duas profissionais são renomeadas nessa pesquisa, respectivamente, como Ane e Maria.

Por questões éticas o nome das crianças também foi alterado, sendo aqui nomeadas de Bruno, Carlos, Miguel e Renan.

Bruno, Miguel e Renan eram de uma mesma turma e Carlos de uma outra. Todos tinham 4 anos, com alguns meses de diferença. Como o diagnóstico é critério, na rede municipal, para acompanhamento de mediadoras, somente Bruno e Carlos tinham tal acompanhamento por já possuírem laudo, sendo Ane a mediadora.

No decorrer das atividades descobriu-se sobre as crises sensoriais de Bruno e Carlos, que eram desencadeadas por estímulos sonoros como música ou conversas em volumes maiores. Tais crises se manifestavam em agressividade e assombro dos referidos sujeitos, por vezes fazendo com que gritassem e tentassem de várias formas sair da sala de aula, chegando a colocar sua integridade física em risco ao jogarem-se contra as portas, paredes e janelas. Algumas vezes efetivamente saíam de sala de aula, e nem sempre se acalmavam o suficiente para retornar à sala, ainda que com a reunião dos esforços de toda a equipe escolar.

Também observou-se as dificuldades de socialização de Miguel e Renan, manifestadas ora em agressividade ora em isolamento. Logo, não se podia utilizar músicas em caixa de som e também não se podia reproduzir recursos audiovisuais em sala de aula sem provocar euforia em Bruno ou Carlos. Entretanto, a musicalização estava presente no currículo dos projetos pedagógicos, principalmente no relacionado a linguagem das artes.

Ainda no início do projeto, a partir de Reis, Silva e Almeida (2020), se definiu a afrocentricidade e decolonialidade como fundamentos epistemológicos para as atividades que seriam propostas, com o objetivo de promover, junto com a musicalização, a educação para as relações étnico-raciais, e aplicar o ensino da história e cultura africana, afrobrasileira e indígena desde a educação infantil e em todo o currículo, como previsto nas leis 10.639/03 e 11.645/08.

Os planejamentos das aulas eram realizados uma vez por semana, e a ludicidade

foi sempre norteadora para a elaboração da didática utilizada, tendo por apoio a obra “Brincadeiras africanas para a educação cultural”, de Cunha (2016).

A cada planejamento, após a definição dos objetivos de aprendizagem e conhecimento, as atividades eram selecionadas, com base em Cunha (2016), na plataforma Nova Escola ou de alguma outra reconhecida referência na educação para as relações étnico-raciais na educação infantil.

Para a ambientação de Bruno e Carlos com os estímulos sonoros foram selecionadas brincadeiras musicalizadas com instrumentos de percussão disponíveis, sendo um par de maracás de posse pessoal do pesquisador e uma conga disponibilizada pelo projeto Ludicidade Africana e Afrobrasileira (LAAB) da Universidade Federal do Pará campus Castanhal, projeto coordenado pela professora doutora Débora Alfaia da Cunha.

As brincadeiras com melhor adesão entre os sujeitos foram “Terra-mar”, “Nyaga Nyaga Nya”, “Acompanhe meus pés”, “SiMama Kaa” e “Da Ga” (ou Jogo da Jibóia). Primeiramente os instrumentos eram apresentados aos sujeitos, que ficavam à vontade para manipulá-los da maneira que quisessem, sob supervisão. Em seguida eram incentivados a compartilhá-los com os demais e participar das brincadeiras com aqueles instrumentos.

Nas primeiras tentativas, Bruno e Carlos assustavam-se com os sons produzidos ao manipular os instrumentos, principalmente os maracás que produziam um som bem alto e agudo, mas após observarem os demais se divertirem, voltavam a tentar.

As brincadeiras eram selecionadas sempre para que valores civilizatórios de comunidade, musicalidade, corporeidade, circularidade, ancestralidade, religiosidade, memória, ludicidade, axé e oralidade fossem preservados. Um dos objetivos de utilizar brincadeiras afrobrasileiras musicalizadas foi introduzir noções de alguns idiomas africanos (como o iorubá, quimbundo, quicongo e outros) presentes no dia a dia, principalmente no convívio com religiões de matriz africana, para desestigmatizar tais tradições, desassociar essas palavras de concepções diabólicas ou malignas e associá-las à formação de nossas tradições, cultura e costumes.

Inicialmente, essa proposição gerou incômodo entre alguns profissionais da creche, evidenciando como esse tema ainda é um desafio mesmo na área de educação. Em um dos casos, após a cantiga “Funga Alafia Asé” (saudação onde se prontifica a tomar atitudes para uma boa convivência) ser ensinada às turmas e ser cantada com frequência na escola, foi reportado que uma família evangélica teria reclamado à direção da creche que sua criança estaria “cantando música de macumba” em casa. Felizmente a coordenação pedagógica foi exemplar ao prestar esclarecimentos sobre a importância e os objetivos do trabalho desenvolvido na ocasião, defendendo a necessidade de abordar

a temática racial na educação infantil.

Para avaliação das metodologias foram realizadas duas entrevistas, sendo uma com a mediadora de um dos alunos diagnosticados e outra com a coordenadora pedagógica da creche e supervisora do estágio. As entrevistas foram semiestruturadas e tiveram como objetivos avaliar o desenvolvimento dos sujeitos da pesquisa e as metodologias utilizadas no projeto de musicalização, em especial os resultados atingidos com os alunos com TEA.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo a Organização Mundial da Saúde no *International Classification of Diseases 11th Revision (ICD-11)*, o Transtorno do Espectro Autista (código 6A02) é um transtorno do neurodesenvolvimento que pode afetar o desenvolvimento motor, da linguagem funcional e do comportamento. Segundo o censo escolar de 2021, 294.394 alunos com autismo cursaram os ensinos Infantil, Fundamental ou Médio das redes pública e privada em 2021, sendo assim, os agentes educacionais devem adotar didáticas inclusivas para que o direito à educação seja plenamente garantido.

Nesse cenário desafiador, observa-se que a ludicidade é uma linguagem e uma estratégia que se prova eficaz na elaboração de didáticas inclusivas. Somando isto à pauta racial, observa-se que ainda há pouco exploração dessa conjugação TEA-lúdico-raça na educação infantil. Essa ausência justificou a introdução de brincadeiras musicalizadas a partir dos trabalhos de cultura lúdica de Cunha (2016) e dos trabalhos desenvolvidos enquanto bolsista de extensão do projeto Ludicidade Africana e Afrobrasileira da Universidade Federal do Pará campus Castanhal.

Para Maria Conceição Reis, “a teoria da afrocentricidade implica a restauração, pelas pessoas negras, de uma orientação que siga a agência africana, isto é, constituir um senso de auto realização baseado nos melhores interesses do povo africano.”. E a partir desse pensamento definiu-se a metodologia de aplicar o tema dos valores afro-civilizatórios de forma lúdica com as brincadeiras afrobrasileiras musicalizadas.

A musicalidade, além de ser um dos valores pautados na epistemologia dos projetos, é também um recurso classicamente utilizado na educação de crianças autistas. Silva (2022) discorre sobre a mediação da música na educação de jovens com TEA e aborda como os estímulos que são realizados no processo de musicalização podem colaborar no desenvolvimento da linguagem, dentre outros benefícios, como destaca Brito e Soares (2024, pág. 12) sobre o benefício da música para pessoas com autismo:

A música possui ampla influência sobre todos os indivíduos e possibilita inúmeras experiências, por meio dela, o terapeuta é capaz de alcançar ganhos significativos nas habilidades de comunicação e interação, favorece a compreensão de sentimentos e expressões, além de beneficiar não somente o paciente, mas viabilizar uma intervenção prazerosa, onde os profissionais descobrem cada vez mais o modo de interagir com a criança autista, de forma exultante para o desenvolvimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao final de cada semestre é elaborado relatórios individuais sobre o desenvolvimento dos alunos, com destaque para os campos de experiência do currículo da Educação Infantil. Tais relatórios são valiosas fontes de informações sobre o progresso dos estudantes, típicos e atípicos.

Sobre os alunos com TEA ou em avaliação para essa condição, os relatórios do primeiro semestre de 2023 apontam que esses sujeitos apresentavam frequentes crises sensoriais relacionadas a ruídos e sons, inviabilizando a utilização de recursos audiovisuais como filmes, vídeos e músicas, em atividades gerais da turma, quando eles estavam presentes.

Como dito, nesse cenário, iniciou-se a implementação das já citadas estratégias de introdução aos instrumentos de percussão com os 4 alunos em foco.

A partir do segundo semestre foi observado, nos 4 estudantes, uma melhora na socialização e maior demonstração de interesse nas atividades propostas, principalmente nas que envolviam dança. Os sujeitos, que antes tinham seus sentimentos desregulados ao ligar-se a caixa de som, agora pediam para tocar os instrumentos e que cantasse as cantigas ensinadas para que dançassem juntamente aos demais colegas de classe. Demonstraram também maior participação nas brincadeiras livres, tomando atitude de introduzir-se em pequenos grupos para realizar jogos africanos como “Da Ga” e outros.

Em entrevista, a mediadora de Carlos, aqui denominada de Ane, afirma que houve uma melhora na socialização de todos os alunos da turma, inclusive do aluno autista Carlos, e avalia que isso se deu ao fato de que as atividades proporcionaram a inclusão do aluno e à utilização da dança, dos instrumentos e de vídeos.

Ane é pedagoga e especialista em Educação Especial Inclusiva e considerou que as metodologias lúdicas que misturaram africanidades, ludicidade e musicalização foram positivas para o aluno TEA, provocando melhoras na sua relação com sonoridades, pois essas trabalharam diretamente a sensibilidade sonora do aluno, permitindo que ele conseguisse participar das brincadeiras sonoras junto com a turma, uma vez que antes

pouco conseguia permanecer no grupo de crianças pela desregulação sensorial constante. Ane destaca ainda que o aluno passou não só a participar das atividades musiciais, como demonstrou gostar dessas, o que também indica mudança de comportamento em relação aos sons e a diferenciação entre música e barulho. Nas suas palavras:

Com excesso do barulho ele não consegue ficar [incluído]. Quando tá demais ele fica [desregulado]. Diferente do som da musicalidade, o som do barulho mesmo faz com que ele fique agoniado, comece a tapar os ouvidos, quer sair do meio onde está as crianças, onde tá acontecendo a atividade. Quando tá um barulho excessivo, ensurdecedor, ele prefere sair. Eu acho que a reação dele é gritar. Gritar diante do barulho. [Com a musicalização] ele começou a interagir mais. Com a questão de dança. Você trabalhou muito vídeo, danças, os instrumentos. A conga, ajudou muito a ele participar das aulas. [...] a inclusão dele nas atividades foi um ponto positivo porque ele não gostava muito de participar (Ane, mediadora, entrevista, 2024).

Tanto Ane quanto Maria, coordenadora da creche onde foi realizado o estágio, citam em suas falas a importância da ludicidade no projeto, da participação ativa dos alunos.

Maria destaca a utilização de instrumentos nas aulas e as oficinas de confecção de maracá, que segundo ela, foi uma das atividades que mais cativou os alunos. Relata ainda sobre a dificuldade de acesso a recursos como esses, que limita aos profissionais em promoverem didáticas mais lúdicas com os alunos.

Na entrevista com Maria, é citado também a importância do acompanhamento multiprofissional e com a família, no caso de Carlos. Maria avalia que houve maior progresso nesse caso pois o acompanhamento era feito com medicamentos, terapias e com uma relação estreita entre creche, família e rede de apoio.

Com a redução das crises as possibilidades de recursos e metodologias foram ampliadas, viabilizando a apresentação de obras como o filme “Kiriku e a Feiticeira”, que apresenta conceitos de comunidade, ancestralidade e musicalidade. Também possibilitou que se desenvolvesse os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento segundo as Diretrizes Políticas e Curriculares da Rede Municipal de Ensino da cidade. Ao final do ano pode-se prestigiar apresentações públicas com coreografia na creche onde alguns dos sujeitos participaram dançando juntamente aos colegas de turma e para toda a comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado no relato de experiência, as metodologias inclusivas desenvolvidas considerando os alunos com TEA, com a utilização de brincadeiras

africanas e afrobrasileiras musicalizadas nos projetos pedagógicos demonstraram-se eficazes na promoção da educação para as relações étnico-raciais, pois cooperam para o desenvolvimento da compreensão de valores ligados às filosofias africanas e afrobrasileiras, além de serem ferramentas terapêuticas para a amenização a longo prazo de crises sensoriais associadas a sons em grande volume.

REFERÊNCIAS

International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD). Organização Mundial da Saúde. Disponível em: https://icd.who.int/ct/icd11_mms/en/release. Acesso em: 27 out. 2024.

INEP. Apresentação coletiva dos resultados do Censo Escolar 2021. 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.

ITAÚ SOCIAL. Avaliação da qualidade da educação infantil: material. 2022. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2022/06/avaliacao-qualidade-educacao-infantil-material.pdf>. Acesso em: 27 out. 2024.

CUNHA, Débora Alfaia da. RODRIGUES, Fernando Feitosa. (org.). **CULTURA POPULAR LÚDICA DAS INFÂNCIAS NA AMAZÔNIA: O quilombo como território brincante.** 1ª edição, Castanhal, 2024. Disponível em: https://www.laab.pro.br/projeto/publicacoes/ebook_Cultura%20Popular%20L%C3%BAdica%20das%20Inf%C3%A2ncias%20na%20Amaz%C3%B4nia_o%20quilombo%20territ%C3%B3rio%20brincante.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.

REIS, Maria Conceição; SILVA, Joel Severino; ALMEIDA, Gabriel Swahili Sales. **AFROCENTRICIDADE E PENSAMENTO DECOLONIAL:** perspectivas epistemológicas para pesquisas sobre relações étnico-raciais. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 21, n. 62, p. 131–143, 2020. DOI: 10.12957/teias.2020.49419. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/49419>. Acesso em: 27 out. 2024.

CUNHA, Débora Alfaia da. **BRINCADEIRAS AFRICANAS PARA A EDUCAÇÃO CULTURAL.** Castanhal: Edição do autor, 2016. Disponível em: https://www.laab.pro.br/projeto/publicacoes/LAAB_e-book%20brincadeiras%20africanas%20para%20a%20educacao%20cultural.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.



SILVA, Antônio Lisboa da. **MÚSICA E AUTISMO:** A mediação da música e suas implicações no contexto da socialização e comunicação de jovens com Perturbação do Espectro Autista. Março de 2022. Dissertação de Mestrado em Educação Especial, na especialidade de especialidade de Domínio Cognitivo e Motor. Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra.

BRITO, Helena Brandão; SOARES, Jorciane da Conceição Costa. Contribuições da musicalização no aprendizado de crianças com TEA. *Revista Foco*, Curitiba (PR), v. 17, n. 5, e5205, p. 01-20, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n5-148.